

STOTT, John. *Eu creio na pregação*. São Paulo: Vida, 2003.

Orlando Afonso Camutue Gunlanda¹

*“A pregação é indispensável para o cristianismo. Sem a pregação, ele perde algo necessário que lhe confere autoridade. Isso porque o cristianismo é, essencialmente, uma religião da Palavra de Deus”.*²

Com as palavras acima descritas, John Stott nos apresenta uma obra contemporânea apaixonante, efervescente e teologicamente rica acerca da sublimidade da pregação na história do cristianismo. Efervescente pelo fato de expor ao longo das páginas do livro o caráter renovador que a pregação exerce e exerceu no cristianismo; É apaixonante pela leitura histórica que o autor faz do desenrolar da pregação cristã; Por fim, ela é teologicamente bem fundamentada e articulada tanto para um ambiente teológico conservador como para um ambiente pentecostal e carismático, fazendo um interessante diálogo com aspectos da cultura contemporânea. Talvez sejam estes os grandes méritos desta obra.

John Stott foi teólogo e pastor anglicano, britânico, com formação em Teologia pela Trinity College Cambridge e foi casado com Emily Stott. Foi um dos principais articuladores do pacto de Lausanne de 1974. Um

¹ Orlando Afonso Camutue Gunlanda é Angolano residente no Brasil. Graduado em Teologia pela Faculdade Refidim-Jlle/SC. Pós-graduando em Teologia Bíblica do Novo Testamento na PUCPR-Curitiba. Graduando em Psicologia na Associação Catarinense de Ensino (ACE)- Joinville. Membro do GEP (Grupo de Estudos Pentecostais) da Faculdade Refidim. Endereço Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5818559221875943>. Contato: aniorlando123@hotmail.com.

² STOTT, 2003, p. 15.

dos principais representantes do evangelicalismo europeu nos anos de 1960 a 1980 aproximadamente.

Ele nos introduz primeiramente a uma viagem histórica a qual intitula como “*a glória da pregação: um esboço histórico*”. Ao recontar a história da pregação cristã, o autor se propõe afirmar que a mesma tem seu início com os profetas na interpretação das ações de Deus na história de Israel, transmitindo sua mensagem pela palavra escrita ou falada. Os apóstolos, no entanto pregaram o que de Cristo ouviram, fazendo da pregação apostólica o cânone da pregação cristã.

Stott ao fazer a análise dos evangelhos como fonte da pregação cristã entende que, os sinóticos analisam Jesus como um pregador e testemunhador de uma mensagem. Jesus “aceitava o título de mestre, declarou que nada disse em segredo, e explicou a Pilatos que veio ao mundo para testemunhar da verdade”.³ Para o autor, do próprio Cristo emerge assim o fundamento da pregação apostólica. Paulo por exemplo, se percebe comissionado ao exercício da pregação sendo que, a tradição apostólica pregava sobre o Cristo e os pais da igreja diligentemente resguardavam a apostolicidade primitiva, que era baseada na pregação cristológica.

John Stott aponta o *Didaquê* como um dos principais manuais do primeiro século que enfatizava a continuidade da narrativa apostólica e o perfil dos pregadores deste período. Era o manual que apresentava o modelo do pregador que era genuíno e portador da mensagem apostólica.

Ao descrever a era dos pais da igreja, John Stott, faz uma breve apresentação daqueles cujas vidas foram dedicadas à exposição da mensagem cristã. Ele relata que Justino Mártir ao apresentar sua primeira apologia em meados do século II destacou o lugar privilegiado da pregação na liturgia cristã: “no dia chamado domingo, todos quantos moram nas cida-

³ STOTT, 2003, p. 17.

des ou no interior reúnem-se juntos num só lugar e são lidas as memorias dos apóstolos ou os escritos dos profetas (...) o presidente instrui verbalmente e exorta à imitação destas coisas”.⁴ Cita também outros pais como Tertuliano, Eusébio de Cesárea, no destaque que os mesmo deram à pregação.

Stott ao se referir a João Crisostomo afirma que sua pregação era bíblica, interpretação singela e direta, com uma exegese literal da escola antioqueana e com aplicações morais à vida prática. Por isso era chamado “O Boca de Ouro”. Neste percurso histórico Stott aponta ainda os frades como grandes percussores e contempladores da pregação cristã. Ao citar Bernardino de Siena (1380-1444) Stott procura sinalizar a ênfase que este dava a pregação: “se destas coisas você puder fazer somente uma – ou ouvir a missa ou ouvir o sermão – você deve dispensar a missa e não o sermão”.⁵ Na descrição de John Wyclife (1329-1384), Stott, deixa soar as seguintes palavras: a igreja, no entanto, é mais honrada pela pregação da palavra de Deus, e, daí, esse é o melhor serviço que os sacerdotes podem prestar a Deus [...] portanto, se nossos bispos não pregarem pessoalmente e se impedirem os sacerdotes verdadeiros de pregar serão culpados dos mesmos pecados daqueles que mataram o Senhor Jesus. Para Stott, o lugar dado à pregação se acentuou com maior destaque na reforma através da exposição bíblica que havia revolucionado a Alemanha e conseqüentemente outros países europeus.

Ao citar os reformadores como Martinho Lutero, João Calvino, Hugh Latimer, bem como aqueles que deram continuidade a reforma protestante tanto oficial como radical, como Richard Baxter, Cotton Mather, John Wesley, George Whitefield, Stott diz que a reforma deu centralidade ao sermão. O púlpito ficava mais alto que o altar pois, se sustentava que a salvação era mediante a palavra, e sem palavra os elementos estão destituídos

⁴ STOTT, 2003, p. 19.

⁵ STOTT, 2003, p. 22.

de qualidade sacramental, mas a palavra é estéril se não é falada. O autor cita ainda James W. Alexandre, ao afirmar que o “púlpito continuará sendo o grande meio de afetar a massa de homens. É o método do próprio Deus, e ele o honrará (...) em todas as eras os grandes reformadores têm sido grandes pregadores”.⁶ Com estas ideias Stott encerra a tese de que a reforma foi um acontecimento de pregação. Um movimento originado e veiculado pela pregação.

No segundo capítulo, John Stott se ocupa em apresentar as principais objeções contemporâneas contra a pregação. Para ele, a disposição de ânimo antiautoridade deixa as pessoas indispostas a escutar, a indústria cinematográfica tem construído uma nova disposição de absorção de informações que não suporta mais a concentração em uma comunicação que no mínimo não seja visual, e o crescente pensamento crítico acerca da relevância cristã e sua tradição têm aumentado o nível de dúvida por parte dos próprios pregadores cristãos.

Desta forma John Stott propõe a restauração das compreensões acerca da natureza dos seres humanos, da doutrina da revelação, do lugar onde reside a autoridade para o exercício da pregação, da relevância do evangelho e do caráter dialógico da pregação. Sua ênfase na pregação dialógica esta em propor pregações que respondam ao que o ouvinte está perguntando, é dialogar com sua realidade de vida, sem contudo, deixar de apresentar o *Kerygma*. É permitir que o dialogo entre o pregador e a congregação seja a síntese da adoração criativa.

A problemática da pregação contemporânea para Stott tem, em uma das suas bases, a perda dos fundamentos teológicos que geram à igreja premissas centrais para que ela continue pregando. Assim, ele descreve que os fundamentos que afirmam que Deus é luz, que Deus fala, que age e continuamente se manifesta na história da humanidade criando um povo

⁶ STOTT, 2003, p. 39

que é a igreja, dando a ela ministros, revestindo-os com o Espírito Santo para pregarem suas boas novas, são os fundamentos teológicos que a igreja atual necessita resgatar para a compreensão da relevância de sua pregação. “O segredo essencial não é dominar certas técnicas, mas ser dominados por determinadas convicções”.⁷ Para Stott, resgatar os fundamentos teológicos da pregação possibilita a renovação do zelo e o ardor pela exposição da mensagem do evangelho.

O abismo cultural, social e econômico existente entre os textos bíblicos e o momento contemporâneo, tem sido outro fator de dificuldade. Assim John Stott propõe a metáfora da edificação de pontes para destacar o papel da pregação cristã relevante para a realidade contemporânea. Uma pregação que se atualiza para a cultura atual extraindo sua seiva nos pressupostos bíblicos, sendo capaz de tornar-se ponte de ligação entre os tempos bíblicos e a cultura contemporânea. Stott critica os pecados da preguiça, superespiritualidade e presunção por parte de pregadores na preparação de seus sermões e leituras analíticas do espaço contemporâneo.

Por fim, a obra termina apelando aos pregadores contemporâneos para a necessidade da coragem e humildade no exercício da prédica. “Mente humilde (submissa à palavra de Deus revelada) ambição humilde (que deseja o encontro entre Cristo e seu povo) e dependência humilde (confiança no poder do Espírito Santo)”⁸ são os elementos apontados para a vida de um pregador simples e humilde.

A obra de John Stott é uma das obras produzidas desde a década de 1980 que merecem fazer parte das memórias de nossas bibliotecas. Sua capacidade de olhar para a história e dela retirar alimento para nutrir a pregação contemporânea, fazer uma leitura da reforma como o momento histórico que reafirmou a relevância da pregação, fazer uma leitura crítica

⁷ STOTT, 2003, p. 97.

⁸ STOTT, 2003, p. 360.

do momento contemporâneo e, apresentar a revelação bíblica como possibilidade de dar respostas ao sujeito moderno, são as características que tornam “*eu creio na pregação*” uma obra recomendável para pregadores contemporâneos.

Outra característica interessante é a capacidade de associar a prática homilética enquanto técnica e a vivência da espiritualidade enquanto fonte para o exercício da técnica. John Stott faz um desafio para os pregadores cristãos a reassumirem o estudo diligente da bíblia, mas ao mesmo tempo deixa claro a necessidade do vigor do Espírito Santo para darem ao mundo uma pregação relevante e transformadora.

Não se faz aqui apologética de ser este o melhor livro, pelo contrário, é simplesmente uma obra que vem para somar ao que já se tem escrito historicamente quanto a pregação. Seu grande valor está no fato de nos fazer ainda acreditar na pregação cristã diante das realidades atuais. A Igreja Cristã prega porque acredita que Deus é vivo e age também por intermédio da pregação do evangelho.

Em meio ao certo descrédito que a pregação tem sido alvo, somos convidados por John Stott a crer nela, certos de que Deus também tem na pregação um meio para falar aos corações humanos.